

Diálogos

Diálogos - Revista do Departamento de
História e do Programa de Pós-
Graduação em História

ISSN: 1415-9945

rev-dialogos@uem.br

Universidade Estadual de Maringá
Brasil

da Gloria de Oliveira, Maria

As vidas de um gênero: biografia, história, ficção

Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em
História, vol. 21, núm. 2, 2017, pp. 22-31

Universidade Estadual de Maringá
Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305552668004>

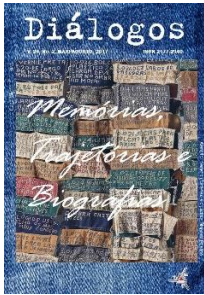
- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



Diálogos

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v21n2>

ISSN 2177-2940
(Online)

ISSN 1415-9945
(Impresso)

As vidas de um gênero: biografia, história, ficção

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v21n2.37527>

Maria da Gloria de Oliveira

Professora de Teoria da História e História da Historiografia, Departamento de História e Relações Internacionais da UFRRJ. Pesquisadora integrante do Histor - Núcleo de Pesquisa em Teoria da História e História da Historiografia.. mgloriaprof@gmail.com

Palavras Chave:

Biografia;
Historiografia; Marcel
Schwob.

Keywords:

Biography;
Historiography; Marcel
Schwob

Palabras clave:

Biografía;
Historiografía; Marcel
Schwob

Resumo

Neste ensaio, proponho uma discussão sobre as relações entre o gênero biográfico, a ficção e a história, através da análise do prefácio das *Vies imaginaires*, de Marcel Schwob. A proposta é seguir alguns argumentos do escritor francês, tomando-os como uma espécie de roteiro para um exercício reflexivo em torno das transmutações da biografia, relacionando-a ao contexto da modernização da escrita histórica, ao longo do século XIX e décadas iniciais do XX.

Abstract

The lives of a genre: biography, history, fiction

In this essay, I propose a discussion on the relationship between the biographical genre, fiction and history, by analyzing the preface of Marcel Schwob's *Vies imaginaires*. The proposal is to follow some arguments of the French writer, taking them as a kind of script for a reflexive exercise around the transmutations of biography, relating it to the context of the modernization of historical writing, throughout the nineteenth century and early twentieth decades.

Resumen

Las vidas de un género: biografía, historia, ficción En este ensayo, se propone una discusión sobre la relación entre el género biográfico, la ficción y la historia, analizando el prefacio *Vies imaginaires*, de Marcel Schwob. La propuesta es seguir algunos argumentos del escritor francés, tomándolos como una especie de hoja de ruta para un ejercicio de reflexión en torno a la biografía de transmutaciones, relacionándolo con el contexto de la modernización de la escritura de la historia, a lo largo del siglo XIX y primeras décadas del XX.

Artigo recebido em 10/03/2017. Aprovado em 28/04/2017

O presente texto consiste em uma transcrição da palestra proferida no I Simpósio Historiografias, Memórias, Personagens, ocorrido na UNESP, campus de Assis/SP, entre os dias 27 e 28 de agosto de 2015. O conteúdo aqui apresentado faz parte da pesquisa em andamento, financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) por meio do Edital Universal.

Introdução

A ciência histórica nos deixa na incerteza acerca dos indivíduos. Ela só nos revela os pontos pelos quais eles se ligaram às ações gerais. (Marcel Schwob, *Vies imaginaires*, 1896)

Com as palavras acima, o escritor Marcel Schwob abria o prefácio de suas *Vidas imaginárias*, cuja primeira edição em 1896, assinala o advento do gênero literário que, no contexto francês, passou a ser chamado, mais recentemente, de “biografia ficcional” ou “bioficção”.¹ Embora permaneça pouco conhecido do grande público, mesmo na França, Schwob foi ensaísta, crítico literário e tradutor, celebrado nos círculos literários franceses da virada do século pela expressiva erudição. Seu nome suscitou a devoção de uma plêiade de escritores, de Ranier Maria Rilke a Jorge Luís Borges, de Oscar Wilde a Paul Valéry (FAVERI, 2008). Em brevíssimos 37 anos de vida, o escritor deixou uma obra composta por contos, ensaios e vigorosas traduções, sendo louvado pela crítica pela qualidade de sua produção literária e, em especial, pela ousadia dos seus poemas em prosa em que mantinha o jogo tênue e cruzado entre o real e o ficcional.² No Brasil, além de duas traduções recentes de *Vidas imaginárias*, também é possível ler *A cruzada das crianças*, baseado em crônicas medievais do século XIII.³

Entre seus célebres admiradores, Jorge Luís Borges, em um brevíssimo texto de apresentação, afirmava ter encontrado em Schwob uma das fontes de inspiração para a sua *História universal da infâmia*, acrescentando que o

autor francês inventara um método curioso para escrever as *Vidas imaginárias*: “os protagonistas são reais; os feitos podem ser fabulosos e não poucas vezes fantásticos”. Em suma, o sabor peculiar da obra, para Borges, estava justamente no vaivém entre história, fato e ficção (BORGES, 1997, p. 10).

Vidas Imaginárias reúne relatos biográficos curtos de vinte e duas personagens, homens e mulheres, apresentados em ordem cronológica do período em que viveram, nomes em sua maioria obscuros de figuras coadjuvantes na História, como os dos filósofos gregos Empédocles, Heróstrato e Crates; o de uma escrava egípcia chamada Sétima; os dos poetas Petrônio, autor do *Satyricon* e Angliorieri, o poeta rancoroso, que competia com Dante ou o de Nicolas Loyseleur, juiz que condenou Joanna D’Arc.

Através dessas breves narrativas, Schwob reescreveu biografias, baseando-se na leitura de fontes literárias e relatos documentais, para imprimir-lhes um forte apelo ficcional e poético. Para a vida imaginária do pintor florentino Paolo Uccello (1397-1475), por exemplo, inspirou-se no retrato da vida do pintor no clássico de Giorgio Vasari (1511-1574). Outra fonte na qual Schwob se debruçou foi a *Vida e Doutrina de Filósofos Célebres*, atribuída a Diógenes Laércio, na qual constam os dados biográficos dos gregos Empédocles e Crates.

O jogo entre arte, ficção e realidade atravessa os escritos de Schwob e, no caso específico das *Vidas imaginárias*, assinala a defesa da biografia em sua dimensão estética e poética. Tal perspectiva aparece explicitamente estampada no prefácio da obra que, a meu ver, assinala uma recusa frontal à biografia histórica,

¹ A expressão “bioficção” foi proposta por Alain Buisine, em artigo de mesmo título, publicado na *Revue des Sciences Humaines*, em 1991, para designar o gênero de ficção literária que assume uma forma biográfica (como narrativa de vida de um personagem imaginário ou vida imaginária de um personagem real). Apud GEFEN, 2002, p. 3.

² Cf. Dossiê Marcel Schwob. *Europe Revue Littéraire Mensuelle*, Paris, n. 925, maio de 2006.

³ As duas traduções de *Vies imaginaires* são de Duda Machado (SCHWOB, 1997) e Dorothee de Bruchard (SCHWOB, 2011). Utilizarei, preferencialmente, a primeira edição francesa, cotejando-a com as traduções em português.

supostamente submetida aos mesmos balizamentos do discurso histórico “científico”, hegemônico no século XIX. Não por acaso, Schwob começa assinalando que a ciência histórica nos deixa na incerteza acerca dos indivíduos porque condiciona o valor do individual àquilo que se conecta à causalidade dos grandes acontecimentos. A defesa da biografia como arte, contrapõe-se, portanto, à tradição da escrita das vidas ilustres e exemplares que emergem da memória coletiva (GEFEN, 2012).

A proposta de minha exposição é seguir alguns argumentos contidos no prefácio da obra de Schwob, tomando-os como roteiro para um exercício reflexivo em torno das transmutações do gênero. O que a biografia, esse gênero capaz de, ao longo do tempo, se transfigurar sob tantas formas, sem perder o seu sentido primordial de apresentar o relato de vida de um indivíduo, ofereceu (ou ainda tem a oferecer) aos historiadores? Esta é uma das indagações que permanece implícita quando abordamos as relações entre narrativa biográfica, ficção e historiografia em diferentes contextos da modernização da escrita histórica e da escrita biográfica, ao longo do século XIX e décadas iniciais do XX.

Escrever vidas e não histórias

As ideias dos grandes homens são patrimônio comum da humanidade: cada um deles só possuiu realmente as suas bizarrices. O livro que descrevesse um homem em todas suas anomalias seria uma obra de arte, como uma estampa japonesa em que se vê eternamente a imagem de uma pequena lagarta, percebida uma única vez a uma hora particular do dia. (SCHWOB, *Vies imaginaires*, 1896, p. 13)

Assim Schwob pontua o que, para ele, deveria ser o traço distintivo de uma arte

biográfica, concebida como o avesso radical da busca por princípios genéricos e classificações universais, em nome da apreensão do individual e do único, das “brechas singulares e inimitáveis”, encontradas na “coleção de materiais fornecida pelos testemunhos”, singularidades a respeito das quais as histórias nada contavam. Deste modo, as suas críticas dirigiam-se não apenas aos historiadores, mas tinham como alvo direto os biógrafos canônicos como o antiquário inglês John Aubrey (1626-1697), autor de *Lives of eminent men*, e por extensão, a vasta tradição de uma modalidade específica de escrita biográfica: as vidas de homens ilustres.

Em função das práticas e teorizações renovadas acerca do gênero, sempre é prudente considerar que a designação de “biografia”, longe de remeter a um objeto discursivo estático em suas formas, denota mais um conjunto de *démarches* que colocam em xeque a ideia de uma categoria literária estável e homogênea, autorizando-nos a pensar em modalidades e usos plurais do biográfico (MADELENAT, 2000). Isso implica, portanto, considerar que o histórico e o biográfico, tomados como gêneros de escrita, não podem ser compreendidos como formas puras ou inalteráveis em seus conteúdos e disposições, mas como práticas discursivas, apropriadas e condicionadas por diferentes contextos e tradições letradas.⁴ Neste sentido, a historicidade das formas e conteúdos na constituição dos gêneros discursivos, assinalada por Peter Szondi, também deverá ser considerada como referência e pressuposto de análise dos textos biográficos, com foco em suas tensões constitutivas, de modo a que se evite reduzi-los a alguma modalidade de “espírito de época” ou a algum “princípio constitutivo universal” (SZONDI, 2006 e 2011).

A despeito das aproximações possíveis, historiadores e biógrafos tradicionalmente

⁴ Alcir Pécora assinalou tais condicionamentos, afirmando que “a tendência histórica básica dos mais diferentes gêneros é a de desenvolver formas ‘mistas’, com dinamicidade relativa nos distintos períodos, que impedem definitivamente a descrição de qualquer objeto como simples coleção de aplicações genéricas” (PÉCORA, 2001, p. 12).

dedicaram-se a tarefas distintas, seguindo uma demarcação que o próprio Plutarco estabeleceu no célebre prefácio à vida de Alexandre em que declara a intenção de escrever vidas e não histórias, pois a demonstração dos valores virtuosos dos seus heróis não se encontrava nas grandes batalhas ou nos combates mortais (PLUTARCO, 2011). Não é despropositado lembrar que a ambição de suas *Vidas Paralelas* jamais foi a de narrar os grandes acontecimentos, como o fizeram Heródoto e Tucídides, mas a de traçar “retratos da alma” em paralelo, de gregos e romanos, eleitos como indivíduos exemplares por suas ações políticas e virtudes morais.

E, neste caso, a noção peculiar de *bios* como uma história de vida individual, que esteve na base das vidas plutarquianas, distingue-se da concepção implícita na forma moderna de biografia.⁵ Para os antigos, a vida humana individual emerge em seu curso retilíneo do nascimento à morte, seccionando transversalmente a ordem circular e cíclica da vida biológica, *dzôé*. Como pontuou Hannah Arendt, os grandes feitos e obras dos indivíduos mortais, que constituem o tema das narrativas históricas e, podemos acrescentar, biográficas, não são concebidos como parte, seja de uma totalidade, seja de um processo ou contexto abrangente; ao contrário, a ênfase recai sobre eventos e ações que irrompem como rasgos únicos e extraordinários no movimento circular da vida ordinária (ARENDT, 2009, pp. 70-71). Frente à finitude dos feitos humanos e aos efeitos corrosivos do tempo, restava o recurso às práticas da recordação, através das quais esses feitos, sob a tutela de *Mnemosyne*, poderiam adquirir certa permanência. Assim, nas palavras de Arendt, “a tarefa do poeta e do historiador

(postos por Aristóteles na mesma categoria por ser o seu tema comum a *práxis*) consiste em fazer alguma coisa perdurar na recordação. E o fazem traduzindo *práxis* e *léxis*, ação e fala, nesta espécie de *poiésis* ou fabricação que, por fim, se torna a palavra escrita” (Idem, p.74).⁶

Em Plutarco, predomina o olhar de moralista e de antiquário em relação ao passado: “ele escolheu os heróis dos tempos antigos e, nesse mergulho no coração da memória greco-romana, ele procede como moralista buscando no passado modelos de virtudes perenes e como antiquário erudito, mais preocupado com detalhes precisos” (FRAZIER, 1996, p. 32). Nas *Vidas Paralelas*, seria possível identificar um tipo de causalidade factual distinta daquela utilizada nas narrativas dos historiadores, nomeadamente aqueles cuja tradição remontava a Tucídides: o tratamento do tempo pelo biógrafo estaria submetido ao propósito de extrair de cada vida narrada um *exemplum*, daí a importância secundária concedida à cronologia que, no caso das *Vidas*, permanecerá pouco delimitada ou rigorosa. Plutarco, em suma, apresenta um personagem *do passado* e, no entanto, ele não pretende, como o historiador, apresentar a visão global da história, mas fornecer um ensinamento moral (Idem, p. 41).

Entende-se, assim, o lugar ocupado pela biografia entre os gêneros históricos, ou ainda, que a própria escrita da História em suas feições modernas tenha encontrado em Plutarco uma inspiração modelar e incontornável (HARTOG,

⁵ Embora seja possível utilizar as expressões “vidas” e “biografias” como sinônimos, há que se considerar a precedência histórica dos usos da primeira para designar o gênero biográfico (com o *bios* dos gregos), e de sua larga vigência, pelo menos, até meados do século XVIII, quando os termos *biographie* e *biographe* aparecem registrados em língua francesa no *Dictionnaire de Trévoux* (1721), com a definição de “história da vida de um indivíduo” (MADELÉNAT, 1984, pp. 11-20). Sobre a biografia moderna e suas associações com o relativismo ético e a noção de indivíduo posta em questão pela psicanálise, cf. na mesma obra, pp. 63-74.

⁶ Sobre a depreciação efetuada por Aristóteles entre a poesia e a historiografia, cf. também CATROGA, 2006, pp. 8-11.

2001).⁷ Essa referência torna-se ainda mais curiosa se consideramos a notória indiferença da biografia grega em relação à apreensão dos “fatos” do passado ou a qualquer tipo de distinção entre ficção e realidade (GEFEN, s/d). A proximidade do biográfico em relação ao gênero historiográfico justificar-se-ia, portanto, pela vocação universalizante das vidas narrativas, como fornecedoras de exemplos e lições morais. Desse modo, o programa retórico contido na fórmula ciceroniana da *historia magistra vitae* atinge a sua plenitude nas *Vidas Paralelas*, na medida em que, ao mobilizar a emoção dos leitores pelos retratos exemplares dos varões do passado, essas narrativas produziam efeitos análogos aos da arte oratória, contribuindo, acima de tudo, para a edificação moral (ZANGARA, 2007, p. 13).

Desde o seu surgimento na cultura ocidental, a biografia fornece um modo de conhecimento que, tal como o mito, não pode ser reduzido à questão do verdadeiro e do falso, ou seja, trata-se de uma forma narrativa na qual o problema da verdade encontra-se suspenso frente a outras questões que o gênero põe em evidência, como a evocação da memória, a exemplaridade e a afirmação de valores morais e coletivos. A partir desse traço peculiar, as relações de proximidade e de similitude entre a escrita biográfica e a escrita histórica deixam de parecer óbvias ou naturais. Escrever vidas não se confunde com narrar a história, é o que nos adverte Schwob em várias passagens de seu prefácio.

Escrever vidas ou narrar a história?

Lamentavelmente, os biógrafos em geral acreditaram que eram historiadores. E nos privaram assim de retratos admiráveis. Presumiram que só a vida dos grandes homens nos poderia interessar. (SCHWOB, *Vies imaginaires*, 1896, p. 19)

Embora os termos *vida de* e *biografia* tenham se mantido intercambiáveis e usados como sinônimos, há que se considerar a precedência histórica da expressão *vida* ou *vidas* para designar o gênero (com o *bios* dos gregos), e de sua larga vigência, pelo menos, até meados do século XVIII. Nesse contexto, emprestada do grego tardio, a palavra *biografia* aparece registrada nos dicionários de língua inglesa e francesa com a definição de “história da vida de um indivíduo”, sugerindo uma modalidade narrativa que se diferencia das formas antigas do panegírico, do elogio, da oração fúnebre e da eloquência sacra (MADELÉNAT, 1984, pp. 11-20).

Assim, na configuração do campo semântico da noção moderna de biografia, observa-se a justaposição entre um sentido próprio (os relatos de uma vida) e um metonímico (os acontecimentos de uma vida), o que remeteria à dualidade de sentido similar à do conceito moderno de história (como narração e como conjunto de fatos que se produzem no tempo). Uma mesma palavra, “biografia”, passa a designar tanto o relato e a narrativa quanto o conjunto de acontecimentos que demarcam a história de vida de um indivíduo.

No século XIX, não se escrevem biografias que não sejam aquelas dos “grandes homens”. A referência central para esta última noção, não por acaso, encontra-se no próprio esforço, empreendido nesse momento, de elaboração das filosofias da história. De modo mais específico, nas reflexões filosóficas do francês Victor Cousin, correntemente citado entre os historiadores do Oitocentos, em seu *Cours de l'histoire de la philosophie* [Paris, 1828], formula-se uma teoria dos “grandes homens” como indivíduos eminentes, capazes de “encarnar” os povos e as coletividades (GERÁRD, 1998, pp. 37-38). Desse modo, o “espírito geral de um povo” manifestar-se-ia nos

⁷ Para uma discussão dos limites da aproximação entre história e biografia, sob o argumento de que, entre os séculos XVIII e XIX, no contexto francês, « os biógrafos não são os grandes historiadores » cf. VOLPILHAC-AUGER, 2012, pp. 33-61.

indivíduos notáveis: “abre os livros de história, afirma Cousin, e não verás senão nomes próprios; os historiadores têm fortes razões de se ocupar dos grandes homens, é necessário que eles se ocupem desses personagens pelo que, de fato, são: não os ‘senhores’, mas os representantes daqueles que não aparecem na história” (COUSIN, 1841, pp. 299-300).

Tais reflexões estão fortemente impregnadas pela ideia de “grande indivíduo histórico universal”, ancorada na filosofia da história de Hegel. Para o filósofo alemão, os grandes indivíduos históricos seriam “instrumentos de um fim mais alto e vasto, do qual eles nada sabem – que realizam inconscientemente”. As individualidades histórico-mundiais deveriam, portanto, ser reconhecidas como heróis, dotados da “visão do que era necessário e do que era oportuno” em sua época, “as suas ações, as suas palavras, são os melhores desse momento” (HEGEL, 2008, pp. 32-33).

Sob o impacto dessa concepção, no Oitocentos, consolida-se o ideal do “grande homem” como mediador por excelência da ideia geral de História, não obstante ele ser elevado, cada vez mais, à condição de portador do caráter específico e peculiar de seu povo e de seu tempo. Tal concepção, contudo, não deixava de carregar em si um paradoxo: como elemento mediador da ideia de História como agente de si mesma, o grande homem não apenas atuaria como seu instrumento, mas também seria ultrapassado pela marcha inexorável dessa História e por seu próprio devir (CATROGA, 2006, pp. 250-260). Como assinalou Armelle Enders, “ao encarnar virtudes como a resistência ou a filantropia, abstrações como o idioma ou o gênio nacional, momentos históricos como a independência ou uma vitória, o grande homem tende paradoxalmente a desencarnar-se e perder suas características pessoais”, tornando-se, por vezes, tão alegórico como os demais emblemas e símbolos nacionais (ENDERS, 2014, p. 21).

Sabemos que, no Oitocentos, a

possibilidade de se atribuir à nação uma identidade original, um espírito próprio e irredutível ao das demais, serviria de fundamento para a historiografia romântica nacionalista. A criação das grandes galerias biográficas nacionais compõe esse mesmo movimento (DARVICHE, 1994). Basta lembrarmos a célebre conferência de Ernest Renan, em 1882, na qual se encontra a homologia da nação como indivíduo, compreendida como “a culminação de um largo passado de esforços, sacrifícios e devoção” (apud PALTI, 2002, p. 73).

Não seria fortuito, portanto, que os projetos biográficos nacionais no século XIX compartilhassem de um forte sentido coletivo tanto na criação dos *panteons* de homens ilustres quanto na mobilização de inúmeros letrados para a sua escrita e elaboração. Essa dupla dimensão coletiva pode ser notada na *Biographie universelle ancienne et moderne*, organizada por Louis- Gabriel Michaud, entre 1811 e 1828, que serviria de modelo para outros empreendimentos similares em outros contextos. O dicionário monumental de Michaud apareceu muito antes dos similares ingleses, como o *Dictionary of National Biography*, de Leslie Stephen e Sidney Lee, cujos 66 volumes foram publicados entre 1885 e 1901. Ao prefaciar a edição revisada da *Biographie universelle* em 1843, Charles Noidier destacaria a monumentalidade do empreendimento, por meio de uma comparação entre biografia e história, afirmava que, na medida em que a história dos fatos se mistura com a dos homens, o biógrafo deveria, tanto quanto o historiador, apreender “as particularidades individuais e semear os ensinamentos e o pensamento na tessitura das suas narrativas” (NOIDIER, 1843, p. v). A despeito do forte apelo à aproximação dos gêneros, observa-se que as notas biográficas contidas nos 52 volumes da *Biographie Universelle*, não são assinadas por historiadores no sentido estrito do termo, mas por letrados como o já citado Victor Cousin, Madame de Stäel, Georges Cuvier e outros nomes que, posteriormente,

também aparecerão como verbetes biográficos na mesma obra (JEFFERSON, 2007, pp. 83-92).

No Brasil, o fenômeno biográfico ocupou um lugar tangivelmente demarcado no âmbito da instituição para a qual convergiu parte significativa da produção letrada brasileira no Oitocentos. No estudo que realizei sobre o material estampado nas páginas da revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e, sobretudo da seção dedicada às vidas de brasileiros ilustres, desde a sua criação até o final do século XIX, pude verificar que a escrita de biografias servia não somente como rito e estratégia de fixação da memória, mas os seus usos assinalavam um problema historiográfico (OLIVEIRA, 2011). Isso porque a aposta biográfica dos sócios do IHGB, mesmo justificada pela vocação moralizante daquela modalidade de escrita, permaneceu submetida a uma ambição de verdade e ao imperativo da comprovação documental, de forma análoga à da historiografia. Pode-se compreender, então, que um historiador como Francisco Adolfo de Varnhagen desponte como autor de um número expressivo de notícias biográficas que compõem a galeria de ilustres por letras, armas e virtudes do IHGB, no momento em que a historiografia adquiria seus contornos modernos, entre os discursos “científicos” de apreensão do real (GEFEN, 2012, p. 81).

A escrita de biografias como modalidade historiográfica também pode ser identificada no contexto português da segunda metade do Oitocentos e décadas iniciais do século XX. Neste caso, a evidência desse biografismo encontra-se não apenas em publicações como o *Plutarco Português* (1881) ou a *Galeria de Varões Ilustres de Portugal*, de Latino Coelho que se somam aos empreendimentos similares já citados. Como demonstrou Fernando Catroga para o caso de Oliveira Martins (1845-1894), “o pendor biografista”, sobretudo em seus últimos

escritos, era inseparável do que o historiador acreditava ser o sentido da história de Portugal dentro de uma história universal (CATROGA, 2004, p. 282).

Ao definir a biografia como o gênero mais adequado para a apreensão do “ritmo dramático da história” e para o estudo das expressões subjetivas da vontade coletiva e do “espírito nacional”, Oliveira Martins entendia que, nas vidas dos heróis, revelava-se o sentido inconsciente do tempo, por meio de uma concepção próxima à noção de “grande homem” de Cousin (CATROGA, 1998, pp.179-184).⁸ Em sua *História da civilização ibérica* [1879], Oliveira Martins conclui que “todas as grandes épocas das nações se afirmam por uma plêiade de grandes homens, em cujos atos e pensamentos o historiador encontra sempre o sistema de ideias nacionais, anteriormente elaboradas de um modo coletivo, atualmente expressas de um modo individual” (apud CATROGA, 2004, p. 283). Assim, as volumosas biografias de Camões, de Nuno Álvares ou de D. João II, escritas pelo historiador português, remeteriam ao período histórico que, de certa forma, os seus nomes sintetizavam, na medida em que os grandes feitos desses indivíduos coincidiam com os acontecimentos extraordinários e dignos da memória da nação (Idem, p. 284).

Biografia, arte, ficção

A arte do biógrafo seria dar igual valor à vida de um pobre ator e à vida de Shakespeare. (SCHWOB, *Vies imaginaires*, 1896, p. 18)

A ênfase no sentido e na função monumental da escrita biográfica como recurso capaz de garantir a memória das vidas e feitos grandiosos também esteve na base do projeto biográfico que, no contexto britânico, encontrara o seu ícone referencial e divisor de águas nas obras de Lytton Strachey, mas que

⁸ É importante destacar que Cousin é autor constantemente citado pelos letrados brasileiros até 1870. Cf. CARVALHO, 1981, p. 70.

também se desdobrará ao longo do século XIX, adquirindo, no entanto, algumas particularidades nas décadas iniciais do XX. Márcia de Almeida Gonçalves (2011) analisou o debate que envolveu intelectuais como Harold Nicolson e André Maurois, entre as décadas de 1920 e 1940 em torno da emergência da nova biografia inglesa, que buscou conciliar a narrativa verídica dos fatos com a perfeição da forma literária.

Neste sentido, vale a pena retomarmos algumas palavras do célebre ensaio “A arte da biografia”, publicado em 1939, no qual a escritora Virgínia Woolf ainda ecoava tais debates. É importante destacar que a discussão em torno do gênero biográfico estava, de certa forma, inscrita no histórico familiar da escritora, que era filha de Leslie Stephen, editor responsável pelo já citado *Dictionary of national Biography*. No ensaio, Woolf indagava se a biografia seria comparável às artes da ficção e da poesia. Poderia, perguntava ela, a biografia “produzir algo com a intensidade da poesia, algo com a emoção do drama” e, ao mesmo tempo, reter a “peculiar virtude que há nos fatos”? A autora de *Orlando* mostrava-se ciente quanto aos desafios introduzidos pela nova biografia em suas pretensões de conciliar as vantagens da verdade factual com a criação artística, argumentando que se tratava de uma combinação problemática, pois fato e ficção, muitas vezes, negavam-se a se misturar (WOOLF, 2014, p. 396).

Por conta das características específicas do gênero, o trabalho do biógrafo, afirmava Woolf, era “limitado por fatos” que, mesmo não sendo como os “fatos da ciência”, eram passíveis de serem verificados por outras pessoas além do próprio biógrafo. Embora a sua argumentação não tenha tocado diretamente no tema das relações com a história, não deixa de ser sugestiva a sua ênfase na capacidade inestimável da “boa biografia”, em nos fornecer conhecimento, “informações autênticas”, “fatos verídicos” sobre indivíduos reais e, com isso, provocar “um tremor de reconhecimento como

se nos lembrássemos de algo que já sabíamos antes” (Idem, p. 402). A biografia, concluía Woolf, “alargará seu escopo pendurando espelhos em cantos inesperados” e, para tanto, era necessário questionar se apenas a vida dos grandes homens deveria ser recordada. “Qualquer um que tenha vivido uma vida e deixado registro dessa vida não merece uma biografia – tanto os fracassados como os vitoriosos, tanto os ilustre quanto os humildes?”

Nos anos finais do XIX, no prefácio de suas *Vidas imaginárias*, Marcel Schwob formulou um argumento semelhante, quando afirmou que a arte do biógrafo consistia em registrar o caráter único das existências tanto de indivíduos célebres quanto dos anônimos. No entanto, frente às reflexões que seriam introduzidas pela nova biografia inglesa alguns anos mais tarde, a radicalidade da escrita biográfica imaginária concebida por Schwob, estava na proposta de que o biógrafo não se deixasse limitar pela preocupação com o verdadeiro, preocupação cara ao discurso da ciência e alheia aos domínios da arte. Com as vidas imaginárias e com o exercício de sua elaboração ficcional, vislumbram-se possibilidades para registrar as vidas dos indivíduos do passado, fossem eles geniais, medíocres e até mesmo criminosos. Como uma espécie de laboratório narrativo de identidades individuais, essas biografias sugerem uma nova arte da memória, orientada pela ambição de escrever o que Roland Barthes chamou de “uma ciência impossível do ser único”, a meio caminho entre a história e o romance (apud GEFEN, s/d).

O que importa reter desse percurso acerca das vidas e transmutações do gênero biográfico que tentei traçar aqui de forma resumida, são menos as repostas definitivas a serem extraídas acerca do valor da narrativa das vidas individuais e muito mais as interrogações e inquietações que a leitura do prefácio de Schwob ainda são capazes de provocar. Como um dos aspectos marcantes da estética literária contemporânea, a produção expressiva de

bioficções e autoficções, um fenômeno que ultrapassa o âmbito do contexto editorial francês, talvez sirva como pretexto oportuno para uma retomada, sob novos termos, do problema das relações, nem sempre reconhecidas, de vínculo original da historiografia com a literatura, auxiliando os historiadores, quem sabe, a enfrentarem de modo mais consciente os fantasmas e os espectros do ficcional.

Referências

- ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. 6ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BORGES, Jorge Luis. Apresentação. In: SCHOWB, M. **Vidas imaginárias**. Tradução Duda Machado. São Paulo: Ed. 34, 1997, pp. 9-10.
- CARVALHO, J. Murilo de. **A construção da ordem**. Brasília: Editora UnB, 1981.
- CATROGA, Fernando. Ainda será a História mestra da vida? **Estudos Ibero-americanos**, n. 2, 2006, pp. 7-34.
- _____. O magistério da história e exemplaridade do “grande homem”. A biografia em Oliveira Martins. In: PÉRES JIMÉNEZ, A.; FERREIRA, J. Ribeiro e FIALHO, Maria do Céu. (ed.). *O retrato literário e a biografia como estratégia de teorização política*. Coimbra: Málaga, 2004, pp. 243-288.
- _____. História e Ciências Sociais em Oliveira Martins. In: TORGAL, Luis R.; MENDES, José A. e CATROGA, F. **História da História em Portugal**. Sécs. XIX-XX. Volume 1. Lisboa: Temas e Debates, 1998.
- COUSIN, Victor. **Cours de l'histoire de la philosophie**. Introduction a l'histoire de la philosophie. Paris: Didier, 1841.
- DARVICHE, Mohammad-Said. La biographie nationale ou comment justifier l'ordre collectif moderne. **Pôle Sud**, vol. 1, n. 1, 1994, pp. 101-116.
- ENDERS, Armelle. **Os vultos da nação: fábrica de heróis e formação de brasileiros**. Rio de Janeiro: FGV, 2014.
- EUROPE Revue Littéraire Mensuelle, **Marcel Schwob**. Paris, n. 925, maio de 2006.
- FAVERI, Claudia Borges de. Marcel Schwob em tradução. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 1, n. 21, nov. 2008, pp. 123-133. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2008v1n21p123>>. Acesso em 23 out. 2015.
- FRAZIER, Françoise. *Histoire et morale dans les Vies parallèles de Plutarque*. Paris: Les Belles Lettres, 1996.
- GEFEN, Alexandre. La biographie et ses marges au XIX siècle. In: MOMBERT, Sarah et ROSELLINI (dir.). **Usages de vies: le biographique hier et aujourd'hui** (XVII-XXI siècle). Toulouse: Press Universitaire du Mirail, 2012, pp. 79-94.
- _____. Vie imaginaire e poetique du roman au XIX siècle : la Notice biographique de Louis Lambert. **Littérature**, Biographiques, n.128, 2002, pp. 3-25.
- _____. Le récit biographique, a la croisée de l'histoire et de la fiction. s/d. Disponível em <https://cnrs.academia.edu/AlexandreGefen>. Acesso em agosto 2015.
- GÉRARD, Alice. Le grand homme et la conception de l'histoire au XIXe siècle. **Romantisme**, vol. 28, n. 100, 1998, pp. 31-48.
- GONÇALVES, Márcia de Almeida. História ou romance? A renovação da biografia nas décadas de 1920 a 1940. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 13, n. 22, jan.-jun. 2011, pp. 119-135.
- HARTOG, François. Plutarque entre les Anciens et les Modernes. In: PLUTARQUE. **Vies parallèles**. Paris: Gallimard, 2001, pp. 9-49.
- HEGEL, G. W. F. **Filosofia da História**. 2ª. ed. Brasília: Editora UnB, 2008.
- JEFFERSON, Ann. **Biography and the question of Literature in France**. New York: Oxford University Press, 2007.
- MADELÉNAT, Daniel. *La biographie*. Paris: PUF, 1984.
- _____. La biographie aujourd'hui: frontières et résistances. **Cahiers de l'Association internationale des études francaises**, 2000, n. 52, pp. 153-168.
- NOIDIER, Charles. Discours Préliminaire. In: MICHAUD, Louis-Gabriel. **Biographie universelle ancienne et moderne**. Paris: Mme. C. Desplace, 1843, vol. I.
- OLIVEIRA, Maria da Glória de. **Escrever vidas, narrar a história: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista**. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

PALTI, Elias. **La nación como problema**. Los historiadores y la “cuestión nacional”. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2002.

PÉCORA, Alcir. **Máquina dos gêneros**. São Paulo: Edusp, 2001.

PLUTARCO. Vida de Alexandre, 1, 2. In: HARTOG, François. **A história de Homero a Santo Agostinho**. Belo Horizonte/MG: Ed. UFMG, 2001.

SCHWOB, Marcel. **Vies imaginaires**. Paris: Bibliothèque-Charpentier, 1896. Illustrations de George Barbier.

_____. **Vies imaginaires**. 2^a. ed. Paris: Le Livre Contemporaine, 1929.

_____. **Vidas imaginárias**. Tradução Duda Machado. São Paulo: Ed. 34, 1997.

_____. **Vidas imaginárias e A cruzada das crianças**. Tradução Dorothée de Bruchard. São Paulo: Hedra, 2011.

SZONDI, Peter. Introducción a la hermenéutica literaria. Madrid: Abada, 2006.

_____. **Teoria do Drama Moderno (1880-1950)**. São Paulo: Cosac & Naify, 2011.

VOLPILHAC-AUGER, Catherine. D'Histoire en Vie. La biographie parmi les genres de l'Histoire (XVII-XVIII siècles). In: MOMBERT, Sarah et ROSELLINI (dir.). **Usages de vies: le biographique hier et aujourd'hui** (XVII-XXI siècle). Toulouse: Press Universitaire du Mirail, 2012, pp. 33-61.

WOOLF, Virginia. **O valor do riso e outros ensaios**. Tradução e organização Leonardo Fróes. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

ZANGARA, Adriana. Voir l'histoire. Théories anciennes du récit historique. Paris: EHESS, 2007